

ISSN: 1517-7238

Vol. 12 nº 22

1º Sem 2011

p. 133-148

**DOSSIÊ: CRENÇAS E ATITUDES
LINGÜÍSTICAS EM REGIÕES
DE LÍNGUAS EM CONTATO**

**ITEM ATÉ EM ENTREVISTA
CONCEDIDA POR
IMIGRANTE PARAGUAIA⁴⁷**

FRANÇA, Juliana de Sá⁴⁸
SELLA, Aparecida Feola⁴⁹

⁴⁷ O presente artigo é parte da dissertação apresentada durante o programa de mestrado, realizado entre os anos de 2009 e 2011.

⁴⁸ Mestranda em Letras pela UNIOESTE *campus* Cascavel. Contato: juliana.jornalista@yahoo.com.br.

⁴⁹ Doutora em Letras pela UNESP, docente na graduação e mestrado em Letras da UNIOESTE *campus* Cascavel, orientadora do artigo. Contato: afsella@yahoo.com.br.

RESUMO: Há uma tendência de os estudos linguísticos mais recentes proporem análises a partir de uma abordagem que considera a língua em uso. Por isso, na presente pesquisa, decidiu-se utilizar como *corpus* a transcrição de uma entrevista realizada com uma mulher trilingue. Dentre as possibilidades de estudo do *corpus*, optou-se pela análise do vocábulo *até* devido à frequência com que aparece na fala da entrevistada e às diferentes funções que assume no discurso. Para o desenvolvimento das análises, tomaram-se como aporte teórico os estudos de Ducrot (1981, 1987, 1989) no que se refere aos operadores argumentativos. Estes são considerados estratégias ativadas, explicitamente, na estrutura textual, pelos enunciadores para atingir determinados fins. As análises também são norteadas pelos estudos do NURC no que diz respeito aos marcadores discursivos, entendidos como unidades que buscam dar coesão às sequências discursivas. Consideram-se, ainda, os postulados de Marcuschi (1991), Risso, Silva e Urbano (2006) e Koch (2000) acerca da questão. A análise dos recortes em que aparece o termo *até* permite afirmar que não há uma regularidade no que se refere às funções desempenhadas por tal unidade, devendo-se considerar, no processo de interpretação, o contexto enunciativo.

PALAVRAS-CHAVE: Até; Marcadores discursivos; Operadores argumentativos.

ABSTRACT: There is a tendency for language studies propose latest analysis from an approach that considers language use. Therefore, in this research, we decided to use as *corpus* a transcript of an interview with a trilingual woman. Among the possibilities of studying the corpus, we chose to analyze the term “até” due to the frequency with which appears in the speech of the interviewee and the different functions that it takes in the speech. The analytical development is based on theoretical studies Ducrot (1981, 1987, 1989) with regard to argumentative operators. These strategies are considered activated, explicitly in the textual structure by enunciators to achieve certain goals. The reviews also are guided by studies of NURC in relation to discourse markers, defined as units that aim to give cohesion to the discourse sequences. It is also considered the studies of Marcuschi (1991), Risso, Silva and Urbano (2006) and Koch (2006b) about the question. The analysis of the cuttings where the term “até” appears allows to observe that there is no regularity in regard to the functions

performed by this unit and should be considered in the interpretation process, the context of enunciation.

KEYWORDS: Até; Discourse markers; Argumentative operators.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos mais recentes tendem a propor análises que levem em conta a língua em uso, ou seja, centram as atenções no estudo da língua como processo. Nessa perspectiva, as funções dos elementos linguísticos não são concebidas de forma estanque, mas dinâmica, considerando-se o constante processo de ressignificação por que passam.

Nesse contexto, tomam relevo as pesquisas que se propõem a analisar o uso da língua portuguesa em uma situação real de interação linguística. Tendo como objeto de estudo um *corpus* autêntico, é possível lançar o olhar sobre diferentes estruturas linguísticas ativadas pelo falante em uma dada situação de interação verbal.

Tendo em mente essa orientação, empreendeu-se uma pesquisa cujo objetivo foi o de verificar a atuação do vocábulo *até* presente na transcrição de entrevista realizada com uma paraguaia que reside no Oeste do Paraná há mais de 25 anos e que trabalha como professora de espanhol no Ensino Fundamental.

A entrevista gravada para a realização do presente estudo segue o que preconiza a Análise da Conversação e pesquisas desenvolvidas no interior do Projeto de Norma Urbana Culta (NURC). Uma das orientações deste projeto, segundo Fávero e Andrade (1998), reside em deixar o entrevistado falar livremente, pois o interesse do documentador deve centrar-se no modo como a língua é usada e não no que o interlocutor diz. Deste modo, as questões elaboradas no interior desta pesquisa serviram apenas de guia para que a entrevistada pudesse discorrer livremente sobre temas pertinentes a sua vida, desde a infância no Paraguai até a mudança para o Brasil e a condu-

são da graduação em solo brasileiro.

Salienta-se que, mesmo sendo localmente planejada, a conversação natural não elimina a existência de uma organização textual, que deve ser entendida como um processo que obedece a regras próprias, que podem tanto se afastar quanto se aproximar daquelas seguidas na produção do texto escrito.

Marcuschi (1991) observa que o texto oral não se distancia do escrito no que se refere à estrutura e à organização, haja vista a presença de elementos sintático-semânticos no texto falado, assim como estratégias adotadas pelos falantes para manter a coerência e a coesão do discurso que produzem.

Concebe-se que todo falar possui essência argumentativa. Reconhecem-se as interações comunicativas como manifestações impregnadas pela argumentação, e considera-se que a produção do enunciado se dá a partir da seleção de estratégias que possibilitam o êxito do processamento argumentativo.

Partindo das noções de marcadores discursivos e operadores argumentativos, observou-se, especificamente, o comportamento do vocábulo *até* no *corpus*, com enfoque nas funções por ele desempenhadas, ora como marcador discursivo, ora como operador argumentativo, em uma situação real de uso da língua em que esta é localmente planejada. Nas sessões seguintes, apresenta-se breve comentário a respeito dos conceitos que norteiam a análise procedida.

2. ATÉ COMO MARCADOR DISCURSIVO

A conversação, a partir da perspectiva-textual interativa proposta por estudos desenvolvidos em conformidade com a proposta do NURC, indica a existência de relações que sustentam os elementos que participam da organização linguística e das estratégias acionadas pelos falantes durante a conversação.

Dentre os elementos envolvidos na construção dos textos de língua falada, segundo Gonçalves (2006), há aqueles que são responsáveis por sua organização, exercendo a função de conectivos textuais: “são os chamados *Marcadores*

Conversacionais” (GONÇALVES, 2006, p. 85, grifos de autora).

Segundo Gonçalves (2006), a presença de palavras e expressões enunciadas espontaneamente, atreladas a determinadas condições, está, normalmente, relacionada a uma intenção bem delimitada do locutor em relação ao interlocutor, ou seja, revela a tentativa de adequação da linguagem em relação ao sujeito com quem se fala. Ou seja, o que move o recurso a esse tipo de organizadores textuais são justamente as condições típicas do texto oral-dialogado, as quais envolvem refações, retomadas e reelaborações, por exemplo.

Para Marcuschi (1991), os marcadores discursivos apresentam característica multifuncional ao atuarem, simultaneamente, na organização da interação, na articulação do texto e na indicação da força ilocutória. Tais recursos, ao mesmo tempo em que dão coesão ao texto, também o segmentam e pontuam, pois podem suprimir o papel dos signos de pontuação.

Além disso, o estudo dos marcadores discursivos implica reconhecimento das noções de cooperação e interação, inerentes à dinâmica conversacional. Segundo Gonçalves (2006), por meio de tais elementos

[...] podemos observar como os interlocutores negociam entre si, como protegem suas faces, como elaboram seus pensamentos, como reagem ao que ouvem, que intenções apresentam durante o ato; enfim, é descobrir um pouco como se organiza, em termos de planejamento, o texto falado e como é levado a cabo pelos ouvintes (GONÇALVES, 2006, p. 92).

Dessa forma, os marcadores discursivos são vitais ao texto falado, pois possibilitam sua construção e organização. Dentre as ocorrências observadas no *corpus*, selecionou-se um exemplo que ilustra a função de *até* como marcador discursivo para ilustração inicial do que estamos falando:

[...] o Franco já subiu como gerente...ele era muito esforçado também né... e::::... no no banco... eu eu lembro quando::::... o Franco demorava mais ele me chamava... eu e a

Romina íamos caminhando... en el... no banco... e () voltávamos com ele né... e no banco... o pessoal do banco... nossa... tinha o maior respeito connigo... achava muito lindo eso aí... e ACHAVam bonito quando eu FALAVA... falava tudo atrapalhado... é claro até hoje falo... porque no é fácil... no é... no é... fácil... você falar... duas... dois idiomas... así misturam muito... eu quando vou a Paraguai todo mundo fica me olhando porque EU misturo português... sabe?... e tem... tem coisas que:: que::... que eu esqu/ esQUEço... no me lembro por exemplo do:: do:: Paraguai... eu agora estava estuDANdo espanhol... e:::... porque daí enton/... MAS... com com... com o correr do tempo... ATÉ enton/... depois eu vim me separei:::... e todo mais perdi todos ah:::... muitas amizades né... MAS continuei tendo OTRAS. muito... ah:::... amizades muito lindas né... e daí cuando o:::... quando estUDEI agora na faculdade... aí si... aí eu senti o que que é o preconceito

L1: na faculdade?

L2: na faculdade... aí eu fiquei muito... aí si... até HOJE por causa de eso... eu... me bloqueei:::... é:::... as colegas... eu percebia que as colegas... se cutucavam né... quando eu tentava falar alguma coisa... elas... davam riSADA... [...]

As ocorrências de *até* expostas acima aparentemente denotam apenas a duração dos acontecimentos descritos pela entrevistada. A própria presença de adjuntos adverbiais explicita a função temporal implicada nos enunciados. A expressão *até hoje*, por exemplo, é comumente empregada em situações em que se pretende fazer saber que desde há algum tempo até o momento presente ocorre ou ocorria determinada ação. Contudo, além da delimitação de tempo, o acionamento das estruturas de cunho temporal implica a interrupção do fluxo informativo para a inserção de comentários sobre a narração apresentada. Em outras palavras, tais enunciações revelam também a posição da falante quanto ao que relata à entrevistadora.

No recorte observa-se a demarcação do tempo de forma mais acentuada com ocorrências da expressão “até hoje”. A primeira delas possui uma característica curiosa, pois, antes da construção em tela, apresenta-se o marcador discursivo *claro*,

classificado por Urbano (2006) como um fático produzido depois de enunciado declarativo. Assim, o marcador conversacional é composto por toda a expressão “é claro *até* hoje falo”, expressão essa que, toda ela, serve para avaliar o conteúdo que vinha sendo relatado.

Berenguer (1995, p. 111) caracteriza marcadores desse tipo como “frases hechas ya convencionalizadas que los hablantes usan como una unidad gramatical, especialmente en la conversación”⁵⁰. Do mesmo modo, embora considerem a massa fônica reduzida um dos traços característicos dos marcadores discursivos, Rizzo, Silva e Urbano (2006) observam, em estudo realizado pelos autores, que 3,3% dos registros de marcadores discursivos apontam para formas mais longas de realização das unidades, como no caso em questão.

Nesse sentido, a enunciação de toda a expressão implica a interrupção do fluxo informacional, que volta a atenção para o próprio processo de interação. Essa ocorrência lembra um dos direcionamentos presentes na Análise da Conversação, que diz respeito à preservação da face, segundo o qual “como não há previsibilidade quanto às ações a serem desenvolvidas pelo(s) outro(s) interlocutor(es), o falante adota mecanismos que assegurem o resguardo do que não deseja ver exibido” (GALEMBECK, 2005, p. 173).

Segundo os princípios de preservação da face, os sujeitos possuem uma face negativa, que compreende sua liberdade de ação e a esfera do território pessoal a ser defendido, e outra face positiva, correspondente aos anseios de reconhecimento e aceitação de suas vontades. As pessoas utilizam, então, estratégias para a preservação dessas faces porque, ao se engajar em uma conversação, os indivíduos ameaçam as faces dos outros, bem como as suas próprias.

Nas interações verbais, os falantes têm consciência de que se encontram em uma posição vulnerável, porque podem ser interrompidos ou contestados por seus interlocutores. Para Gallembek (2005, p. 172), “o falante adota procedimentos que

⁵⁰ “[...] frases feitas e convencionais que os falantes usam como unidade gramatical, especialmente na conversação” (BERENGUER, 1995, p. 111, tradução nossa).

lhe permitam controlar a construção dessa auto-imagem”, ou seja, mudar a significação de uma fala, transformando aquilo que poderia ser considerado como ofensivo ou intolerável em algo aceitável.

O emprego da expressão sob análise, portanto, pode ser entendido como uma tentativa de preservação da face, pois a falante faz uma ressalva em relação ao que havia enunciado anteriormente, em uma tentativa de autocorreção, que se antecipa a uma possível contraposição do interlocutor a respeito de sua proficiência linguística.

[...] existe uma *motivação estrutural* ou pressão estrutural para que o falante faça a autocorreção no interior do mesmo turno e na mesma sentença em que a falha ocorre. Pois é possível que no final da sentença ele perca a palavra e não tenha a chance de seu autocorrigir (MARCUSCHI, 1991, p. 32, grifo de autor).

Assim, a expressão “é claro até hoje falo” é uma estratégia conversacional de autocorreção que contribui para a intercompreensão durante o processo interacional, assim como cumpre um papel de preservação da face. Por meio da atividade reparadora, foi restaurado o equilíbrio rompido, numa tentativa de amenizar os riscos de ameaça à face.

Na segunda ocorrência de “até hoje”, observa-se novamente a descontinuidade no tópico discursivo por meio de sua ativação. A locutora pretende discorrer sobre o preconceito sofrido na esfera acadêmica, mas hesita ao tentar descrever seu sentimento em relação à agressão. A esse respeito, Marcuschi (2006, p. 47) argumenta que as hesitações, recorrentes na língua falada, “têm a função de ganhar mais tempo para o planejamento/verbalização do texto, sendo condicionadas por pressões situacionais das mais diversas ordens a que estão sujeitos os interlocutores”. Desse modo, após a hesitação, a falante enuncia a expressão como uma tentativa de garantir coesão entre as seqüências do tópico sobre o qual discorre.

Há ainda a ocorrência do marcador conversacional *até* de maneira enfática, com a elevação do tom de voz da entrevis-

tada. Com relação a essa função, Jubran (2006b, p. 97) observa que há quebra na linearidade da organização tópica, porque um dos princípios que a regem é a continuidade, oriunda de “uma organização sequencial dos tópicos, de forma que a abertura de um se dá após o fechamento de outro, precedente”. A ruptura tópica é representada pelo desvio no curso do relato, em que, inicialmente, a falante descreve a visão dos brasileiros em relação a seu modo de falar e sua dificuldade em articular os dois idiomas sem mesclar traços de um no outro, para, na sequência, narrar as perdas afetivas sofridas com sua separação matrimonial.

Além do marcador discursivo em questão, há a remissão à palavra espanhola *entonces*, que, devido a um corte lexical, é enunciada apenas como *enton*. Mais do que desempenhar a função de marcação temporal, a expressão “*até enton*” representa uma tentativa de articulação e progressão discursiva.

A entrevistada perde-se no desenvolvimento do tópico discursivo “sobre sua relação com as línguas portuguesa e espanhola”, o que pode ser percebido diante de uma considerável ocorrência de pausas e repetições antecedendo a expressão em análise, que orienta a fala para um novo tópico discursivo, centrado nas relações de amizade entre a entrevistada e os brasileiros. Essa ocorrência lembra a observação de Risso, para quem a conversação acomoda uma tendência para, mais frequentemente, o marcador introduzir uma mudança de perspectiva do locutor relativamente à informação que é dada por ele próprio em momento anterior do discurso (RISSO, 2006, p. 444).

Percebe-se, então, que a ativação do marcador discursivo articula a fala da entrevistada para a retomada do questionamento, feito pela entrevistadora, sobre a receptividade dos brasileiros em relação a ela. Foi a partir dessa pergunta que a falante discorreu sobre sua habilidade como trilingue, retomando o foco da questão somente no final do enunciado, após a introdução de “*até enton*”.

Revela-se, ainda, a alternância entre os códigos linguísticos utilizados pela falante. Ao enunciar “*até enton*”, há

uma alusão ao uso da língua espanhola, dado o pronunciamento de *enton*, entendido como uma interrupção da palavra espanhola *entonces*, em uma tentativa de empréstimo linguístico, que é substituída, na sequência, pela expressão correspondente em língua portuguesa. De acordo com Gonçalves (2006), tal fato ocorre por conta de as línguas portuguesa e espanhola serem originárias do latim, com grande similaridade linguística (lexical, sintático-semântica e fonética), sendo que “alguns dos marcadores utilizados são extremamente semelhantes” (GONÇALVES, 2006, p. 104).

3 ATÉ COMO OPERADOR ARGUMENTATIVO

De acordo com Ducrot (1981), o valor argumentativo de um enunciado não veicula apenas informações, pois, por intermédio de determinados morfemas, expressões ou termos, há o encaminhamento do interlocutor para uma determinada direção.

Para o autor, determinados elementos linguísticos devem ser considerados na interpretação de qualquer enunciado, principalmente daqueles que orientam argumentativamente e de forma a conduzir o interlocutor a determinada conclusão. Segundo o linguista, o sentido dos enunciados deve ser compreendido com as combinações possíveis desses enunciados com outros da língua, ou seja, como função de sua orientação argumentativa.

Nessa perspectiva, segundo Sapata (2006), a enunciação é entendida como um evento cuja descrição encontra-se, de certa forma, dentro do próprio enunciado.

Entender o sentido de um enunciado como o “retrato” de sua enunciação é admitir que ele implica (mostra) o modo como aquilo que se diz é dito, ou seja, tanto a sua força ilocucionária, como o futuro discursivo que, a partir dele, se abre às conclusões para as quais ele se apresenta como argumento (SAPATA, 2006, p. 476).

A enunciação é definida em Guimarães (2001) como um acontecimento de linguagem; ela se constitui pelo funcionamento da língua, no cruzamento com a exterioridade da língua. A compreensão da enunciação, desse modo, significa apreender as marcas deixadas pela língua, pois, conforme Koch (2000), não há discurso descomprometido, uma vez que todo enunciado aponta para determinadas conclusões.

Segundo Guimarães (2001), a argumentação estrutura o discurso, pois marca as possibilidades de sua construção e garante a continuidade ao articular enunciados de modo a transformá-los em texto. Sendo assim, por meio da língua, o falante orienta seu interlocutor para determinada conclusão, ou seja, há uma orientação argumentativa que estabelece o modo de interpretar o texto. A exposição de um conteúdo objetivando um sentido é mais facilmente percebida quando há a presença de operadores argumentativos, tais como *até*.

Ao eleger determinados recursos em detrimento de outros, o sujeito compromete-se com as estratégias escolhidas. Por outro lado, o interlocutor, situado no campo da interpretação, é orientado a seguir determinadas pistas que buscam adesão em relação à ideia defendida.

Considerando tais concepções teóricas, selecionou-se um fragmento da entrevista realizada em que *até* orienta argumentativamente os enunciados.

[...] MAS o povo no GErAl eles ADOram o brasileiro sabe por quê?... porque o povo brasileiro:... um povo muito trabalho né?... e lá a veces o::: povo de Paraguai toma así toma o famoso tererê de eles... atrasa TUdo... e já:::... estão acostumados... no adianta... porque ATÉ a empregada doméstica tem que sentar e tomar o tererê de eles... e eu fico LOUca quando eu vou... quando vejo essas coisas lá.. [...]

O operador argumentativo *até* distribui os argumentos elencados pela falante em posição de escala. Questionada sobre os hábitos do povo paraguaio, a entrevistada indica uma suposta tranquilidade dos conterrâneos.

r = Os paraguaios são sossegados.



- Até a empregada doméstica toma tererê. (b)

- O povo paraguaio toma tererê. (a)

De acordo com Guimarães (2001, p. 28) “toda sequência X até Y é de uma escala argumentativa cujos conteúdos de A e B são argumentos para r e B é um argumento mais forte do que A”. Assim, ambos os enunciados podem ser vistos como argumentos para a conclusão suposta. Entretanto, o argumento do enunciado (b) apresenta-se como superior ao do enunciado (a).

Além de estabelecer a hierarquia de argumentos, o operador *até* pode ser tomado, ainda, como um indicador do espanto da entrevistada sobre o fato de as empregadas domésticas interromperem suas atividades em nome do costume nacional. O acionamento do operador argumentativo evidencia, portanto, o jogo enunciativo que se dá a partir das intenções do locutor e do modo como este as revela.

Nos argumentos usados, a locutora revela percepções culturais, sendo que algumas, inclusive, revelam a condição de imigrante no Brasil e uma espécie de distanciamento dos atributos dados por ela mesma aos compatriotas do Paraguai. Verifica-se, nesse caso de forma mais específica, a capacidade de emitir juízos de valor, tanto positivos quanto negativos, sobre determinada língua. A esse respeito, Aguilera (2008) afirma que a “atitude linguística assumida pelo falante implica a noção de identidade, que se pode definir como a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro” (AGUILERA, 2008, p. 106).

Por meio da experiência, todavia, as pessoas passam a manter ocultas algumas de suas atitudes: “na realidade, é uma característica comum do pensamento humano fazer inferências

sobre as atitudes dos outros e regular nossas próprias ações em conformidade” (LAMBERT; LAMBERT, 1968, p. 79). A falante revela, assim, por meio das estruturas linguísticas, especialmente do uso de *até*, traços de acomodação à cultura brasileira, pois avalia negativamente os hábitos dos nativos do Paraguai.

Ressalta-se que nem sempre todos os argumentos da escala apresentam-se explícitos no texto. Deve-se também observar o contexto em que o discurso insere-se, considerando o conhecimento de mundo que se tem acerca de determinado assunto.

Diante do exposto, constata-se que, mesmo quando atua como operador argumentativo, o termo *até* possui as propriedades de indicador de limite, porque aponta para o argumento derradeiro em prol de uma conclusão *r*, ou seja, indica o limite entre os argumentos acionados pela falante. Segundo Rosário (2007), isso ocorre devido ao fenômeno da persistência, em que os termos tendem a conservar alguns traços de seus matices de origem.

4 CONSIDERAÇÕES

Os falantes empreendem ajustamentos nos vocábulos selecionados para constituir os enunciados. É por isso que se observa que o item *até* é ativado ora como marcador discursivo, ora como operador argumentativo. O enquadramento em categorias aqui proposto relaciona-se ao modo como ocorreu o desencadeamento dos vocábulos para a constituição do texto oral.

A conversação natural não possui planejamento prévio, o falante utiliza recursos linguísticos para garantir a coesão discursiva. Desse modo, os marcadores discursivos não só articulam o texto, como também evidenciam o planejamento local da linguagem empreendido pelo falante. Percebe-se que, embora independentes sintaticamente, os marcadores discursivos são dependentes discursivamente; ou seja, segundo a Análise da Conversação, é necessário considerar as relações interpessoais

envolvidas no processo comunicativo. Já os operadores argumentativos atuam como pistas que direcionam o interlocutor para determinada conclusão em detrimento de outras.

Quando assume função de marcador discursivo, o termo não apresenta marcadamente seu significado original de limitador, atuando mais como elo entre as sequências que compõem o discurso. Já com relação à sua função de operador argumentativo, é possível considerar a execução de dois papéis assumidos pelo item: hierarquiza os elementos em escala e mantém os traços de limitador, mais abstratos do que os espaciais e temporais – uma vez que introduz o argumento mais relevante utilizado pelo falante, portanto, o argumento máximo – e abre concessões durante a argumentação.

Quanto às semelhanças entre as funções do vocábulo como marcador discursivo e operador argumentativo, aponta-se o fato de ambos envolverem a noção de inclusão. No primeiro grupo, a inclusão se dá de maneira discursiva, encadeando discursos na fala, como se novos elementos fossem somados ao texto. A inclusão no caso de operador argumentativo é dada pela escala argumentativa, na qual o argumento mais relevante é incluído por último.

Diante do exposto, fica evidente que o uso da língua influi de maneira decisiva na classificação e determinação de um elemento linguístico. Somente em função da língua em uso foi possível classificar e analisar a o papel desempenhado em cada uma das ocorrências do vocábulo *até* ativadas no discurso da entrevistada.

Muitos detalhes foram percebidos no texto oral-dialogado sob análise, inclusive aquelas questões relativas aos conflitos da informante em uma situação de hegemonia da língua de prestígio (no caso, o português), quando ainda vivia no Paraguai. E essa percepção é guiada pelos encaminhamentos teóricos percorridos, o que serviu para vislumbrar como algumas marcas linguísticas atuam ora para tecer o próprio trajeto interativo, ora para conduzir o interlocutor a determinadas conclusões.

Em algumas passagens do texto, o papel desempenhado pelo termo *até*, considerando-se os demais elementos linguísticos com os quais se relaciona, revela traços de acomodação da falante à cultura brasileira e mesmo formas de se lidar com essa acomodação. Concebe-se, nesta pesquisa, que as atitudes linguísticas estão diretamente relacionadas às manifestações dos falantes de uma localidade acerca da língua de outros sujeitos e de sua própria língua. Acredita-se que todos os falantes possuem a capacidade de emitir juízos de valor, tanto positivos quanto negativos, sobre determinada língua e cultura.

Percebe-se que a falante, em alguns momentos, empreende avaliações sobre os hábitos do povo paraguaio, chegando a classificar de maneira negativa os compatriotas, como quando discorre sobre o costume de tomar tererê, e enaltece o modo de vida do povo brasileiro, com o qual se assimila nesse momento. Dessa forma, é possível afirmar que a identidade sociolinguística adquirida pela falante nos anos de vivência no Brasil influencia o modo como se relaciona com o Paraguai.

Por fim, vale ressaltar que o processo de interação verbal é constituído por esquemas de negociação entre os interlocutores e se apresenta permeado pela necessidade de preservação da face, pela disposição para negociar e pela progressão do tópico discursivo, por exemplo. Entretanto, o fundamento básico de toda conversação apresenta-se atrelado àquilo que o falante deseja expor, bem como à interpretação feita pelo interlocutor acerca daquilo que lhe é apresentado.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. Projeto crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato. In: *Anais do II Simpósio em Letras da Unioeste*. Cascavel, 2008. Disponível em: <http://cac.php.unioeste.br/eventos/seminariolhm/anais/Arquivos/simposio_aspectos.html>. Acesso em: 22 jul. 2009.
- BERENQUER, J. A. Marcadores discursivos y relato conversacional. *Caplletra*, n. 18, p. 109-120, 1995. Disponível em: <<http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras> /jlv/

03692952322569495209079/200290_0027.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2010.

DUCROT, O. *Provar e dizer*. São Paulo: Global, 1981

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, Dino (Org.) *Estudos de língua falada* variações e confrontos. São Paulo: Humanitas, 1998.

GALEMBECK, P. T. Preservação da Face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In: PRETI, Dino. *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas, 2005.

GONÇALVES, E. *Marcadores conversacionais na interlíngua de aprendizes de espanhol no Brasil*. 2006. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GUIMARÃES, E. *Texto e Argumentação*: um estudo das conjunções do Português. Campinas: Pontes, 2001

JUBRAN, C. C. A. S. Organização tópica do texto falado: tópico discursivo. In: SPINARDI, Clélia Cândida Abreu; KOCH, Ingedore Villaça (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. I: Construção do Texto Falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006b.

KOCH, Ingedore V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2000.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MARCUSCHI, Luís Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1991

RISSO, M.S. Marcadores discursivos basicamente seqüenciadores. In: SPINARDI, Clélia Cândida Abreu; KOCH, Ingedore Villaça (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. I: Construção do Texto Falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Gramaticalização de até*: usos na linguagem padrão dos séculos XIX e XX. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense: Instituto de Letras, Rio de Janeiro, 2007.

SAPATA, Andreza Carubelli. *O articulador discursivo então e suas várias funções no português escrito do Brasil*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Letras, Campinas, 2006.

_____. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: SPINARDI, Clélia Cândida Abreu; KOCH, Ingedore Villaça (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. I: Construção do Texto Falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.